

## ENTREVISTA

António José Carvalho, novo presidente da JF Tramagal, promete trabalhar para revitalizar a vila-convívio. • P. 16-17



## TORRES NOVAS

### “BERENDEIRAS” DE LAPAS

Celeste Ruiivo mostra-nos os segredos das famosas broas da terra. Na semana dos Santos chega a usar 100kg de farinha. • P. 3

## TOMAR

### ANTIGAS INDÚSTRIAS DA LEVADA

As moagens industriais de outrora têm uma nova vida e colocam Tomar no mapa cultural do país. • P. 14-15

## ALCANENA

### EM TERRAS DE CHÍCHAROS, ACÁCIO É REI

O Festival do Chicharo de Bugalhos nasceu graças a Acácio Santos: fotógrafo, autárca, inventor e produtor de licor. P. 34-35

PUB

**JCLARO • ESTORES**  
Rua dos Oleiros, nº1193 | 2000-167 Chaiça - Abrantes  
tlf/ fax: 241 361 744 | tlfm: 919 655 950 // 927 024 391

# Um chão português a quem morreu longe

Isidro Esteves, antigo combatente no Ultramar, dedicou-se a uma última missão: trazer para terras lusas ex-combatentes mortos em Angola. Leva até ao fim o lema dos paraquedistas: “Num combate podemos ficar lá todos, mas ninguém fica abandonado”.

• P. 18-20



# Óptica Alípios

Abrantes / Alferrarede / Ferreira do Zézere / Leiria / Tomar Siga-nos nas redes sociais /optica.alipios

# Um chão português a quem combateu e morreu longe

ISIDRO ESTEVES TALAIA EM SUA CASA, NO ENTRONCAMENTO

“Num combate podemos ficar lá todos, mas ninguém fica abandonado”, garante Isidro Moreira Esteves Talaia. Ex-paraquedistas com várias missões na guerra colonial, depois de aposentado dedicou-se a nova missão trazer para terras lusas ex-combatentes mortos em Angola. Se eles foram do Continente, cá nasceram e têm a suas famílias, é nestes torrões que devem descansar.

• MANUEL FERNANDES VICENTE (TEXTO E FOTO)

Em Portugal, os paraquedistas têm três divisas que, por si só, se tornaram nos três pilares em que assenta a arquitetura do seu carisma. “Instrução dura, combate fácil” é uma delas, e deixa revelar uma recruta e uma preparação para o combate muito exigentes para que na altura certa estejam preparados para lutar. “Podemos não voltar, mas vamos” é outra, e diz tudo sobre a disponibilidade para servir e a sua abnegação e dedicação sem condições às suas missões. E, por fim: “Ninguém fica para trás”, uma expressão que hoje se tornou corporativa até em empresas emergentes e equipas de futebol, mas que, antes de ser moda, era (e é) um sentimento intenso e partilhado no corpo paraquedista. “Num combate podemos ficar lá todos, mas ninguém fica abandonado”, garante Isidro Moreira Esteves Talaia. E é numa sequência deste lema dos paraquedistas, a elite militar a que pertenceu entre 1961 e 1978, incluindo duas missões militares na guerra colonial em Angola, e outra em Nacala, no norte de Moçambique. Para Isidro Esteves, que vive no Entroncamento e, depois de ser sargento paraquedista, foi estudante do ensino secundário na cidade ferroviária e universitário em Coimbra, e professor de Português entre 1990 e 2008, a ideia de “ninguém ficar para trás”, todavia, devia ir mais além. Depois de se aposentar da docência, e por um conjunto de circunstâncias conjugadas, decidiu dedicar a sua atenção aos paraquedistas, militares da Força Aérea e mesmo de outras áreas das Forças Armadas que haviam tombado em combate em Angola - e cujos restos mortais ainda por lá permaneciam abandonados, ignorados, desprezados e sem ninguém que os reconhecesse ou pudesse pôr uma crisântemo ou uma rosa sobre as suas campas, se ainda as houvesse. “Ninguém ficar para trás” incluía, assim, também os corpos dos combatentes. Se eles foram do Continente, e cá nasceram e têm a suas famílias, é nestes torrões que devem descansar. Assim pensou e assim passou a agir e a pesquisar, como uma nova missão, com a ajuda das novas tecnologias e das redes sociais, como o Facebook, o incentivo de antigos camaradas

militares e a persistência que o levou a investigar dezenas de arquivos históricos oficiais da Força Aérea, incluindo documentos com alguma confidencialidade e bastante desorganizados. Havia caixotes há muito abandonados, o entrave inevitável de alguma burocracia militar, e algum alheamento do Estado Português, mas conseguiu tirar o pó de cima de muitas memórias arquivadas.

“Na altura da guerra colonial, quando havia a morte de algum militar do Continente, a hierarquia militar, por norma, contactava com o padre da paróquia a que o combatente pertencia, e era o religioso que preparava os pais e lhes comunicava a triste mensagem”, esclarece Isidro Esteves, não era aceitável que os pais tivessem esse desgosto informados pela rádio.

## Uma missão que surgiu do ideal paraquedista

Das pesquisas feitas e, posteriormente, da colaboração recebida por antigos camaradas e amigos através do Facebook, Isidro Esteves pôde elaborar um álbum online com os paraquedistas mortos no antigo Ultramar Português em combate ou por acidente. “Vou em 180 militares, e a lista inclui a fotografia do paraquedista, o nome completo, o local e a data de nascimento, a data em que foi para o Ultramar, o seu Batalhão e onde esteve, a data da morte e o local onde estão sepultados”, revela o antigo combatente paraquedista, admitindo que a lista se pode alargar a 300, se se considerarem os militares de toda a Força Aérea.

“Eu não gosto de cemitérios, mas, por obrigação, estive no cemitério de Luanda (Santana) quando o Presidente Américo Tomás lá esteve em 1963. Já havia nessa altura muitas campas no talhão militar”, refere Isidro Esteves, notando que para esta sua missão de ajudar a trazer as ossadas dos paraquedistas (e outros combatentes) para as suas terras em Portugal, contou com o apoio de algumas pessoas, como a que, através das redes sociais, lhe enviou, a seu pedido, as fotos de todo o talhão militar português de Santana. “Entre as 300 fotos que esta pessoa me mandou, com autorização de publicação no Facebook, havia cinco campas de paraquedistas, algumas tinham o

brevet de bronze por cima, outras estavam vandalizadas", diz o ex-paraquedista, notando que "metade destes portugueses mortos eram africanos que lutavam ao nosso lado".

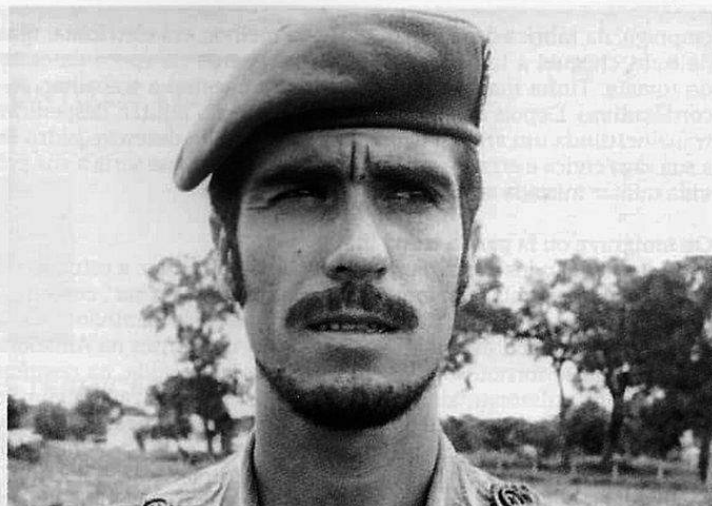
"Dos cinco paraquedistas que aí fazem, um morreu à minha frente, ainda andei com ele às costas, e também o transportámos numa padiola de duas varas, sob um calor tórrido na Floresta de Úcuá, que era considerada, como a Floresta Amazónica e a de Cabinda, uma das mais densas do mundo, e por isso, não permitia a chegada de um helicóptero para transportar o corpo, tivemos de o levar ao longo de cinco horas", recorda Isidro Esteves. "Este homem foi para Angola no mesmo barco, o 'Uíge', que eu, era meu conhecido. Este homem, que era de Tondela, ficou lá porquê?", questionou-se.

"Um dia, em 2013, telefona-me de Newark, na Nova Jérсия, Estados Unidos da América, uma senhora dizendo-me: 'Descobri o meu pai no seu álbum de paraquedistas mortos em combate'. E chorou durante minutos. Ela pesquisou na Internet, apareceu o meu álbum, e encontrou lá a fotografia do pai que ela conhecia. E soube, finalmente, onde estava o pai e como morrera. Em Tondela dizia-se que morrera numa briga com outro paraquedista, ambos bêbados. Mas no meu álbum, que se baseia em documentos, soube que morreu com um tiro do inimigo, não morrera de forma vã e ingloria. Quando morreu, esta senhora, Tina Silva, tinha apenas dois anos", recorda o antigo militar, notando que a partir daí iniciou-se o processo de trasladação dos restos mortais, e não foi fácil. "A senhora queria ir dos EUA para Angola, mas eu demovi-a da ideia, era perigoso. Passou uma procuração para tratar dessa finalidade, e uma pessoa que eu lhe indiquei tratou dos papéis, foi uma burocracia morosa, mas o corpo acabou por ser mesmo trasladado para Portugal em 16 de dezembro de 2017, num voo da TAP". Tina Silva queria trazer os restos mortais do pai para Portugal, desde pequenina que tinha essa vontade.

A despesa global da trasfêrencia foi de 7.500 euros, custeados pela filha, pela União Portuguesa de Pára-quedistas (onde salienta o apoio dado pelo Coronel Moura Calheiros) e pelas quotizações dos paraquedistas. "O Estado contribuiu com zero, e a Liga dos Combatentes também", critica o ex-militar. "O Estado levava as pessoas mas, quando morriam, já não as trazia, as famílias é que tinham de agir, e então o Estado podia participar", salienta. Reconhece, todavia, que há famílias, com os corpos dos entes queridos em África que se desinteressaram de os trazer para Portugal, outras não se manifestam, e o Estado não os pode trazer sem a autorização delas. E há vários cemitérios em Moçambique, Angola e na Guiné reservados aos restos mortais dos combatentes portugueses. Eu não estou a perturbar ninguém. Se morresse, queria vir para Portugal", comenta o antigo combatente.

#### "O Armelino Ferreira matou-me a fome algumas vezes"

Isidro Esteves, o homem que trocou o combate nas ex-colónias de Angola e Moçambique pelo de trazer os restos mortais dos militares que lá tomaram e deixá-los entre os torrões a que deviam pertencer, nasceu em Braga, em setembro de 1940, veio para o Entroncamento com dois anos de idade, mas a verdade é que, pelo coração, continua a sentir-se bracarense. "As minhas raízes são de Braga, é lá que tenho toda a minha família", esclarece. Quando veio para o Entroncamento, o pai, António José Esteves Talaia, criou um negócio de sapateiro num pátio adjacente à Rua Latino Coelho, próximo da antiga e principal passagem de nível, e a mãe era ajuntadeira de calçado. Eram pessoas de condição humilde, e Isidro Esteves não tem problemas em admitir que a família passava mal. "O meu pai morreu aos 51 anos com uma úlcera no estômago, eu tinha oito anos, e uma ligação muito forte a ele. Era muito carinhoso, era pai e mãe para mim", diz, notando que também a casa em que viviam era "bastante modesta, com telha vã, sem água, nem luz, nem casa de banho, quando precisávamos de uma casa de banho havia uma latrina exterior, onde toda a gente do pátio se servia. "Era uma miséria, a fome que nós passámos, eu e os meus irmãos...", confessa Isidro Esteves, que recorda também o tempo da escola primária. "Tive na 1.ª e na 2.ª classe o professor Francisco Corujo, de saudosa memória, para mim e muitos outros. Era um homem que estabelecia uma ligação emocional com os alunos, também brincava



EM 1967, EM MUEDA, MOÇAMBIQUE

conosco, e não batia em ninguém, ao contrário de outros. E foi com ele que aprendi a ler e a escrever", recorda, adiantando que, na escola foi o primeiro a "aprender a ler sem estar a soletrar". "Um dia, chegou à escola um homem de chapéu, entrou na sala e, ao acaso, escolheu um aluno para ler. Fui eu, e li bem. Depois de me ouvir foi ter com o professor Corujo e deu-lhe os parabéns. Ele era inspetor e eu fiquei muito contente, penso que o meu professor também..."

Nos anos seguintes, o pequeno Isidro teria como professoras as docentes Isabel Teodósio e Maria Adelaide e, na sala, estabelecera-se uma certa competição, quase um campeonato, entre alguns alunos mais adiantados - ele, o Carlos Marques Vaz, o Carvalhito, o Armelino Ferreira e mais um ou outro - para ver quem conclua primeiro e acertadamente as contas com muitos algarismos. "O Carlos Marques Vaz era 'mauzito' e gostava de bater nos mais pequenos; batia ao Carvalhito (que hoje vive na Alemanha e é pintor), um dia bateu-me e eu dei-lhe uma cabeçada, ficámos amigos", afirma, mostrando a sua gratidão também a Armelino Ferreira, que mais tarde seria reconhecido como o melhor árbitro do mundo de hóquei em patins: "Nessa altura o meu amigo Armelino Ferreira matou-me a fome algumas vezes, ele vivia bem, e eu só comia bem quando estava à mesa com ele".

"Nessa altura, o ensino era rigoroso e exigente, mas eu gostava de ir para a escola, ia contente, e era bom aluno", reconhece. Várias pessoas ainda aconselharam a família para que, concluídos os quatro anos do ensino primário (atual 1.º ciclo), o pequeno Isidro prosseguisse. Mas o pai tinha morrido há pouco, e a mãe não tinha condições. Alguém ainda alvitrou então que o jovem frequentasse o seminário para prosseguir, mas depois vozes menos informadas deram ao petiz a ideia de que por esse caminho não poderia casar. "Mas eu queria casar, eu era pequeno, e aquilo foi uma armadilha...", diz. Com onze anos, e até aos 20, iniciou uma peregrinação de emprego em emprego, e sem grandes possibilidades de evoluir, apesar das aptidões e capacidades de trabalho que mostrava. "Aos onze anos fui trabalhar para uma loja de fazendas, onde estive dois anos; depois fui trabalhar durante dois anos para o Café Monumental; aos 15 fui trabalhar um ano numa latoaria, era canalizador, e depois, até aos 19, tive o meu melhor



APÓS UM SALTO, EM LUANDA

emprego, na fábrica da Compal, ganhava melhor, era electricista, mas fazia de tudo, cheguei a ter 200 motores a meu cargo na época da campanha do tomate. Tinha mais responsabilidades e cheguei a trabalhar 36 horas consecutivas. Depois de ser apurado na inspeção militar, despediram-me, trabalhei ainda um ano no bar da estação...”, assim descreve Isidro Esteves a sua saga cívica e errante entre o fim da escola e o que seria a sua próxima vida militar iniciada aos 20 anos.

#### Ou emigrava ou ia para a tropa

“Aos dez anos todos me diziam que eu devia continuar a estudar, e agora, aos 20 anos, percebia que, sem estudos, pouco poderia ser”, comenta Isidro Esteves. Entrou na vida militar em 1961 recrutado pelo Batalhão de Caçadores 6, de Castelo Branco, depois foi para unidades castrenses na Amadora e em Mafra, onde se tornou soldado de transmissões, e onde, na sequência de uma doença pulmonar, ainda chegou a estar hospitalizado algum tempo. Pouco depois, foi convocado para prestar provas para paraquedista, para as quais se tinha oferecido um ano antes, foi para Tancos e foi um dos poucos aprovados entre os 80 candidatos. Começava uma nova e decisiva etapa na sua vida, os tempos estavam difíceis. “Havia falta de empregos e a ideia de o meu futuro passar pelos paraquedistas passou a fazer sentido - seria emigrar ou tentar a tropa, mas isso não dependia de mim, a verdade é que eu não tinha um ofício propriamente dito”, observa o antigo militar. Já como sargento paraquedista é mobilizado para Angola. “Nessa altura o sentimento da maioria dos soldados era para ir, era uma missão, morria gente mas eles iam. Corri todo o norte de Angola, muitas missões de helicóptero, havia a crença oficial de que nós dominávamos, mas essa ilusão perdeu-se depressa, e quando matavam um dos nossos sentia-se insegurança. A intensidade das lutas aumentava, as vitórias eram nossas, nós tínhamos mais meios

e a aviação, mas eles conheciam o terreno e tinham a ajuda das populações nativas, e percebemos que era difícil ganhar aquela guerra”, analisa Isidro Esteves, referindo que “houve 170 paraquedistas mortos em combate nas três frentes [Angola, Moçambique e Guiné], nós, paraquedistas, estávamos dispostos a tudo”. Mas a vida a saltar de paraquedas está também sujeita a tudo. Dos saltos efetuados, resultaram para o jovem Isidro alguns acidentes, lesões graves e outras tantas hospitalizações. Um dos acidentes, em missão em Moçambique, causou-lhe a fratura de uma vértebra cervical e a rotura de um músculo no pescoço. Ainda recuperou, mas acabaria por não poder saltar já mais, e regressaria a Tancos para trabalhar apenas em serviço de secretaria, já que uma junta médica o declararia incapaz de regressar aos helicópteros. Em Tancos, ainda estudaria algum tempo para melhorar as suas habilitações académicas, mas, entretanto, uma grave doença, a doença do chumbo, estava a tomar conta de si. Dado como incapaz para saltar de paraquedas, ainda foi um dos poucos escolhidos de Tancos para frequentar um curso de oficiais, mas a sua ida acabou por não ser homologada pelo Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, que referiu que, pela sua inaptidão física, não devia ter sido sequer nomeado. Isidro Esteves não se conformou com a situação e reagiu de imediato. “Cheguei a Tancos e disse logo que me ia embora e passava à reforma. Tinha, por lei, direito a ela, e foi o que fiz. E estive mais de 30 anos sem voltar a Tancos, só em 2011 é que lá regresssei”, observa. Era a altura de mudar de página e colocar um novo chip na sua vida, tinha 37 anos, e outras ideias já gatinhavam na sua cabeça.



## A segunda vida de Isidro Esteves: Professor e investigador

Após o corte com a sua carreira militar, e reformado apenas com 37 anos, Isidro Esteves sentia que tinha um novo mundo à sua frente. Mas tinha também dois problemas atrás de si. Por um lado, sentia que teria que acrescentar novas competências académicas ao seu currículo escolar, e por outro, sentia que estava gravemente doente, o que acentuava o seu mal-estar devido às lesões que “herdara” dos saltos de paraquedas e das operações na guerra colonial.

“A doença do chumbo, também conhecida por saturnismo [de *saturnismus*, designação dada pelos antigos alquimistas ao chumbo], começou a atormentar-me sem eu saber o que era, e comecei a pensar numa nova vida fora da tropa. Eu estava a morrer, e lá dentro eu morria, aquilo era um envenenamento, uma intoxicação, que me afetava muito, mas que a Força Aérea nunca admitiu que fosse devida à minha atividade militar”, afirma o ex-paraquedista, sustentando a sua opinião de que “era um envenenamento que já vinha do Ultramar, era chumbo no sangue, absorvido por causa da água que vinha nos jerricans de chapa para combustíveis, que tinham contido gasolina com antidetonantes à base de chumbo”. Isidro Esteves estava convicto de que o excesso de chumbo que tinha no sangue derivava dessas ações no Ultramar, tinha “sintomas graves e, com a altura de 1,70 metros, pesava, fardado, apenas 49 quilos”.

“Vim para casa para ser curado, e durante um ano e meio andei em tratamentos. Ainda andei 30 anos com essas dores, mas hoje estou tratado”, esclarece. Quando se sentiu melhor, depois de sair da tropa em 1980 retomou os estudos e foi para a Escola Secundária do Entroncamento; e, não havendo alunos suficientes para estudar na área de letras à noite, foi estudar

durante o dia, os seus colegas eram bastante mais novos, mas tudo correu na perfeição. Após o 12.º ano, iniciou a licenciatura de Estudos Portugueses na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e após quatro anos, mais um de estágio pedagógico, iniciou a sua segunda carreira profissional, agora como docente do ensino básico e secundário. “Comecei no ano letivo 1990/1991 na Escola Secundária Domingues Sequeira, em Leiria, tinha alunos do 8.º ano e do 11.º ano, e no ano seguinte lecionei na Escola Maria Lamas, em Torres Novas, onde estive mais de dez anos”, recorda, acrescentando que nas novas funções docentes ainda foi professor em Alcanena, onde foi também vice-presidente do conselho executivo, até que, por incapacidade para o serviço, acabou por se aposentar em 2008, 18 anos depois de iniciar a sua saga docente.

Após esta aposentação, e porque sempre foi grande o seu interesse e gosto por História e pela investigação, chegou a altura de se dedicar a fazer a sua árvore genealógica, recorrendo sobretudo ao Arquivo Distrital de Braga. “Descobri, por exemplo, que ‘Esteves’ chegou à família em 1770, e quanto ao apelido Talaia, que não está formalmente no meu nome, pertenceu também à minha família. E é deste interesse pelas memórias que um dia surgiu também a ideia de trazer para chão português os militares que ficaram sepultados em África e no esquecimento, procurando dar mais atenção à sua memória e dignidade ao seu repouso.